

O vigésimo número da Revista Crítica Histórica cumpre, como os demais, a tarefa de ser um espaço de divulgação da produção científica da área de História, com acesso amplo e democrático a artigos e resenhas de qualidade. Mais uma vez nos colocamos ao lado das lutas populares e pela Educação pública, gratuita e de qualidade, compreendendo que o conhecimento histórico e a historiografia são essenciais para o processo de formação política e de cidadania no país.

Se 2018 foi identificado pelo escritor Mário Magalhães (2019)<sup>1</sup> como “o ano que tão cedo não vai terminar”, 2019 tem sido, de fato, a intensificação dolorosa desse prenúncio, dado o “casamento consolidado” do que foi o “flerte com o apocalipse” anterior. A lista de tragédias nacionais não parou de crescer. Somente com a aprovação das reformas neoliberais (trabalhistas e previdência) os brasileiros perderam décadas de lutas, em direitos e segurança sociais, em poucos meses. A população preta nas periferias, indígenas, a educação pública, o meio ambiente, a cultura e os movimentos sociais foram as maiores vítimas. Sem exageros retóricos, são dezenas de assassinatos, no campo, nas periferias, nas florestas. Em 2018, incêndio do Museu Nacional, em 2019, incêndios criminosos na Amazônia e no cerrado. Censura e perseguição ideológica foram denunciados em todo o país. Não só no Brasil, mas em todo o mundo a conflagração das lutas entre as políticas imperialistas do neoliberalismo e as populações de trabalhadores e movimentos organizados nos dão a dimensão do processo histórico crítico em curso. Não há, portanto, outro caminho que não seja aquele de demarcar cotidianamente as posições e os projetos políticos em disputa, das quais a Universidade e a Academia são partes inerentes e, portanto, presentes na produção acadêmica e científica.

Nesse sentido, o Dossiê “*Mídia e Poder em perspectiva histórica*”, organizado pelos professores Luiz Alberto Grijó (UFRGS) e Irinéia Franco (UFAL) contribui para o aprofundamento de reflexões sobre o papel das mídias, em especial a imprensa, na construção e disputa pelos poderes simbólicos e políticos no Brasil. A *Apresentação* detalhará os excelentes trabalhos que o compõe.

Também os artigos de *fluxo contínuo*, todos eles frutos de pesquisas originais, trazem problemáticas importantes para a historiografia e o debate público. Flávio Raimundo

---

<sup>1</sup> MAGALHÃES, Mário. *Sobre Lutas e Lágrimas: uma biografia de 2018*. São Paulo: Record, 2019.

Giarola, com o artigo “*Narrativas sobre um território mestiço: as mesclas raciais do Brasil na ótica de três estrangeiros no século XIX (Saint-Hilaire, Louis Agassiz e Louis Couty)*”, “analisa as representações sobre o mestiço e sobre a mestiçagem nos relatos de viagem e nas observações de três estrangeiros que estiveram no Brasil em momentos diferentes dos oitocentos: Auguste de Saint-Hilaire, Louis Agassiz e Louis Couty”. O autor defende “que as narrativas estrangeiras, sobre a mescla racial e sobre as consequências destas misturas para o Brasil sofreram poucas alterações ao longo do período analisado, uma vez que eram movidas fundamentalmente pelo racismo europeu predominante nas ciências daquele século”. Raylenn Barros da Silva, em “*Conflitos entre religiosos numa missão católica no interior de Goiás na década de 1950: Ressentimentos de Remígio Corazza em seu relato autobiográfico*”, procura “desvelar os conflitos que ocorreram entre religiosos no interior da missão católica orionita no antigo extremo norte de Goiás na metade do século XX”. Com foco na trajetória de Remígio Corazza, o artigo analisa o registro autobiográfico *Silêncio Prudente*, na perspectiva dos estudos biográficos que trabalham com “memória e ressentimento”.

Os textos seguintes da sessão trazem estudos da área de História Econômica. O artigo “*A política da economia cafeeira: os conflitos entre as oligarquias republicanas no projeto do Convênio de Taubaté*”, de Caio César Vioto de Andrade, defende a hipótese que “a intervenção do Estado na economia cafeeira, simbolizada pelo Convênio, não se tratou apenas de uma inevitabilidade econômica, mas de uma escolha política, após intensos conflitos no interior das mais relevantes oligarquias da Primeira República, especialmente a de São Paulo, principal interessada na valorização do café, e que conflitava com o Presidente da República, hesitante em relação ao projeto”. Fechando a sessão, Marcos Guedes Vaz Sampaio, no artigo intitulado “*As guerras dos anos 1860 e a recuperação econômica da Província da Bahia*”, debate a economia da Província da Bahia que teria enfrentado “um período recessivo entre os anos de 1857 e 1860”. Segundo Sampaio, os três fatores predominantes foram: “a seca prolongada que se arrastou por quatro anos, a crise estadunidense de 1857, que disseminou seus efeitos danosos sobre o sistema internacional, e a política monetária do governo imperial que variou do pluriemissionismo para a centralização no Banco do Brasil culminando na crise de 1859-1860”. Para o autor, “após a queda importante do desempenho econômico doméstico, a balança comercial revelou uma recuperação substancial após a eclosão da Guerra de Secessão nos Estados Unidos (1861-1865), prolongando esse momento auspicioso com o advento da Guerra do Paraguai (1864-1870). Os conturbados anos beligerantes produziram efeitos positivos sobre as culturas locais, em destaque o açúcar, algodão e fumo, desvelando,

com isso, a importante dependência de um fator exógeno para liderar o soerguimento interno, face a um mercado doméstico frágil, de baixa monetização, elevada concentração de renda e estrutura produtiva pouco diversificada”.

Duas belas resenhas encerram esta edição. Felipe dos Santos Silva, em “*Dom Rodrigo de Sousa Coutinho e a crise do antigo sistema colonial*” apresenta aos leitores o livro da professora Nívia Pombo, “*Rodrigo de Sousa Coutinho: pensamento e Ação político-administrativa no Império Ultramarino Português (1778-1812)*”, publicado pela Hucitec, em 2015. Por sua vez, em “*...como si fuera uno de ellos: Almirante Aragão*”, Felipe Garzón Serna reflete sobre a obra de Anderson da Silva Almeida “*...como se fosse um deles: Almirante Aragão. Memórias, silêncios e ressentimentos em tempos de ditadura e democracia*”, publicado pela Eduff, em 2017, e um dos indicados ao prêmio Jabuti, na categoria biografia daquele ano.

Nos despedimos desejando a todos encontros felizes no fim de ano e muito axé para nossas lutas!

*Irinéia Maria Franco dos Santos*

Pelo Conselho Editorial

Maceió, dezembro de 2019

*Nos 50 anos do assassinato de Carlos Marighella*

*Não pretendo nada,  
nem flores, louvores, triunfos.  
nada de nada.*

*Somente um protesto,  
uma brecha no muro,  
e fazer ecoar,  
com voz surda que seja,  
e sem outro valor,  
o que se esconde no peito,  
no fundo da alma  
de milhões de sufocados.*

*Algo por onde possa filtrar o pensamento,  
a ideia que puseram no cárcere. [...]*

Carlos Marighella. O País de uma nota só.

“*Poemas: rondó da liberdade*”. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.